

Panorama da pintura brasileira

Antonio Zago

A primeira impressão é a que fica. E a primeira impressão que temos ao entrar no Panorama de Arte Atual Brasileira (Pintura 79), no Museu de Arte Moderna de São Paulo (Parque Ibirapuera), é a de que estamos diante do fruto de um árduo trabalho de equipe. Essa sensação nos vai acompanhar pela exposição inteira, pois está refletida no acerto da escolha dos candidatos, no bom nível das obras selecionadas e até mesmo na disposição das obras.

• Hoje podemos afirmar que o Panorama é o acontecimento cultural mais importante nas artes plásticas do Brasil. O Panorama pretende ser a representação de tudo o que está acontecendo no País em termos de artes. Pelo fato de contar com a presença de 67 pintores brasileiros — uns mais conhecidos, outros menos — já significa ser representativo. Todas as correntes estéticas atuantes hoje no País estão representadas de alguma forma. Pode-se reclamar a ausência de algum artista. Mas isso também é justificável, pois a cada lista de pintores podemos apresentar imediatamente uma outra lista, talvez tão representativa quanto a primeira. A solução para os que ficarem de fora é aguardar o próximo Panorama, daqui a três anos. Este ano, ao contrário dos anteriores, o júri responsável pela seleção dos nomes e obras foi o mesmo da premiação. Apesar de toda a polêmica que essa decisão provocou, temos de convir que até a escolha dos premiados foi acertada.

Esse júri, composto de artistas, histo-

riadores, estetas e museólogos, contou com a participação de Diná Lopes Coelho, Flávio Pinho de Almeida, Fábio Magalhães, Arcângelo Ianelli, Danilo Di Prete, Fernando Lemos, José Nemirovsky e Norberto Nicóla. Esse júri, chamado “Comissão de Arte”, começou a trabalhar no projeto do atual Panorama a partir do encerramento do anterior, ou seja, em 1976. São portanto três longos anos de trabalho para se mostrar um fruto que dura apenas dois meses, ou seja, outubro e novembro.

O método de trabalho é simples: o museu possui uma biblioteca com serviço de documentação, que se encarrega de apresentar aos jurados o material (recortes de jornais e revistas, livros e catálogos) sobre os principais acontecimentos na área durante o período. A partir disso vai-se fazendo uma seleção. Além do mais, os diretores dos museus das principais capitais brasileiras são convidados a mandar suas listas de sugestões. Infelizmente são poucos os que atendem a esse tipo de apelo. É bom frisar bem esse aspecto, pois uma das principais acusações que a crítica tem feito ao Panorama é a de ter esquecido o artista regional, concentrando-se principalmente no eixo Rio-São Paulo. Ora, além do fato de a maioria dos artistas viverem no eixo Rio-São Paulo, acrescenta-se essa má vontade por parte dos que dirigem essas instituições nos demais Estados e que bem poderiam funcionar como elo de ligação entre o artista regional e o museu.

Além dessas duas fontes, cada um

dos jurados apresenta a sua lista particular. A lista final dos convidados só surge após longos debates. Este ano o Panorama convidou 97 pintores. Destes, apenas 67 aceitaram o convite e mandaram suas obras para a seleção final. Trinta deles (um terço dos convidados, portanto) deixaram de responder ao convite, ou, quando responderam, recusaram alegando as mais diversas escusas que vão da viagem ao Exterior à falta de obras disponíveis. É por isso que, ao criticarmos o Panorama, principalmente ao apresentarmos as listas dos ausentes, é preciso antes verificar se eles não estão naquele terço que recusou o compromisso com o público por um compromisso pessoal.

Entre os erros e acertos, porém, acreditamos que os acertos do atual Panorama sejam muitíssimo mais importantes que os erros.

Bem mais maduro, *Sílvio Oppenheim* comparece com telas de grandes proporções (180 x 180), pintadas com liquitex. Esse material tem uma vibração própria, mas Sílvio Oppenheim, com a precisão do traço, a sabedoria com que distribui volumes e seus silêncios muito bem estudados, conseguiu efeitos surpreendentes.

Roberto Burle Marx comparece com quadros de épocas diferentes. Para se ter uma idéia melhor daquilo que o pintor está realizando atualmente vale a pena uma visita ao MASP (na Av. Paulista), onde se realiza uma grande mostra do artista.

Humor e dor convivem ironicamente no expressionismo solto de *Wladislaw*.

Seu colorido é forte e a concepção dos seus quadros muito potente. Um artista extremamente maduro.

Alice Brill apresenta suas equilibradíssimas “composições urbanas”. A evolução de Alice Brill é lenta porém muito sólida, pensada, calculada. Fixando-se no elemento eminentemente urbano, ela vai deixando depoimentos sobre a condição humana de valor inestimável. Incansável, ela jamais deixa de experimentar técnicas novas. Também voltadas à temática eminentemente urbana são as elegantíssimas telas de *Newton Mesquita*.

A audácia do espetáculo, porém, ficou a cargo de *Mario Gruber*. Usando têmpera e óleo sobre uma tela gigantesca (150 x 187,5) ele pintou uma daquelas lamparinas a querosene (fifó sertanejo) que mais parece saída de uma das saborosas exposições do tipo “A Mão do Povo Brasileiro” que só o prof. Bardi sabe inventar. A tela está avaliada em Cr\$ 700.000,00 e ele participou com uma única obra...

Luis Paulo Baravelli é uma das mais gratas surpresas do atual Panorama. É simplesmente impressionante o que ele conseguiu em termos de síntese de informação estética, de combinação de dados, de sincretismo de estilos — tudo filtrado através da sua grande sensibilidade: gregos, romanos, ops e pops, tudo convivendo na maior harmonia. Colorido surpreendente. Tudo muito gráfico, dramático. Oposto à modernidade de Baravelli vamos encontrar o lírico *Rebolo Gonsales* cujos quadros são sempre muito agra-